

Economistas fazem previsões sombrias para novembro

Miriam Leitão

Getúlio Vilanova

Na dois primeiros dias úteis da semana passada o governo puxou as taxas do overnight, disparando um princípio de pânico. Ele queria dar um aviso de que agora vai praticar juros reais positivos (acima da inflação). Mas como os bancos e as financeiras chegaram à conclusão de que isto significava a sinalização de um índice acima do previsto em junho, reajustaram suas taxas. Os papéis dos bancos pularam de 3.000% ao ano para 5.000% ao ano. Os juros do crédito ao consumo, subiram para inacreditáveis 12.800% ao ano. Mesmo que, aí haja uma distorção — quando as cifras são grandes, as taxas anualizadas tornam-se absurdas e ninguém toma dinheiro por um ano — a movimentação financeira da semana passada mostra o grau de ansiedade em que vivem os brasileiros.

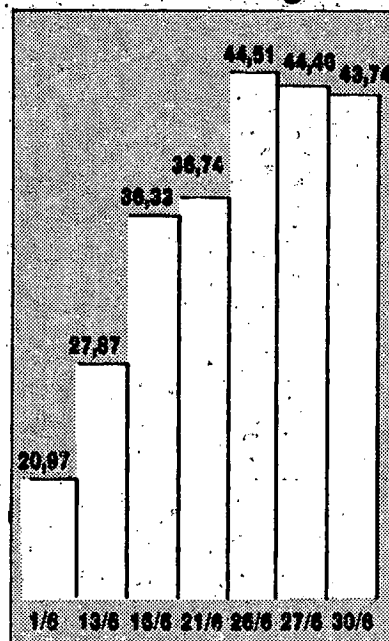
Se for feita uma pergunta frontal sobre o cenário econômico com o qual o Brasil enfrentará sua primeira eleição presidencial em 29 anos, nove entre dez economistas vão responder também diretamente: hiperinflação. Nesta dezena, o único que dirá o contrário é Mario Henrique Simonsen, que decidiu usar o respeito com que é visto na área acadêmica e o prestígio de ex-ministro para tentar tranquilizar.

Um esforço talvez inútil. "Chega uma hora em que ninguém segura a cabeça das pessoas", explica Pedro Calcado, diretor da financeira Losango. Ou seja, o Brasil está no ponto em que importam menos as leis econômicas. A questão passa a ser psicossocial. "Controle de tarifas, preços e salários podem afetar a trajetória da inflação, mas não mudam o processo", explica Francisco Lopes, da Macrométrica.

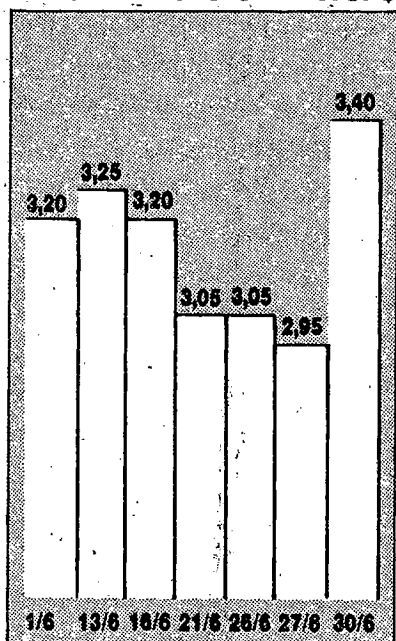
Tarifas defasadas — Se existe no país um economista que seja o anti-Chico Lopes, este é Paulo Guedes, do Ibme. Monetarista "de bar na gravata", como o define o deputado César Maia (PDT-RJ), ele também acha que a defasagem nas tarifas que o governo está promovendo não evita a hiperinflação até novembro. "Aparentemente só o governo acredita na hipótese de manter a inflação estabilizada em torno de 30% até as eleições", diz Guedes.

O governo não revela qual é a sua estratégia, se é que a tem, mas está sistematicamente atrasando a correção das tarifas e preços públicos. "Isto significa que ele está de novo querendo controlar a inflação

A alta do overnight %



Dólar Paralelo NCz\$



aumentando o déficit público", lembra Guedes, preocupado com a questão das finanças públicas desde o tempo em que era moda dizer que déficit não causa inflação. Hoje esta teoria está definitivamente arquivada.

Argentina — Se o governo decidisse corrigir de uma vez todos os atrasos nas tarifas, a inflação pularia a curto prazo para algo próximo a 50%. Neste caso, ensinam os acadêmicos especializados na matéria, a velocidade de depreciação da moeda aumenta e a inflação faz estragos como fez na Argentina. O economista José Márcio Camargo, da PUC, acha que mesmo que as tarifas permaneçam defasadas, não há outro cenário no horizonte eleitoral que não seja inflação alta. "E aí pouco importa como vamos chamá-la, porque já estamos vivendo características de hiperinflação."

Qualquer brasileiro reconhece o país, quando se alinham estas características: grande instabilidade econômica, indexação geral e disparidade de preços relativos, ou seja, falta de relação entre preço e valor das mercadorias. "Um sapato hoje está custando NCz\$ 400 e uma máquina de escrever NCz\$ 120", constata Pedro Calcado. Ele acha que aparentemente uma máquina de escrever requer componentes mais caros.

Escalada — Este talvez seja o único ponto em que os economistas divergem: para uns a hiperinflação já

chegou, para outros ela vai se instalar nos próximos meses e, portanto, desembocar em novembro. "Os desequilíbrios — o rombo das estatais, o buraco na Previdência e a expansão monetária — continuam aumentando, garante Paulo Guedes. Preocupado sempre com a intensidade com que se rodam as máquinas de imprimir dinheiro, Guedes ensina que em geral, por várias razões sazonais, se imprime mais moeda no segundo semestre do ano, ou como gosta de dizer, "o ritmo de expansão monetária é maior", portanto maior o risco de aumento da inflação. Risco que se agravou ainda mais com a correção de 45% no câmbio dado pelo governo ao longo do mês de junho.

Nos mercados onde se negocia dinheiro, e onde a questão da taxa da inflação é tratada por profissionais, todos os sinais são de aumento da inflação a curto prazo: 30% em julho, 35% em agosto. Ninguém faz qualquer aposta para novembro. Na quinta-feira, no mercado futuro de câmbio já se previa uma correção de 40% em julho, previsão que se confirmou com a midi-desvalorização anunciada na sexta-feira. O pior é que se o Brasil entrar em um processo hiperinflacionário, há poucas chances de sair dele em pouco tempo. A história ensina que todas as hiperinflações conhecidas não se contentaram em fustigar os países por apenas 12 meses.